

V CBEO - Curitiba



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
Curitiba-PR - Brasil

“NINGUÉM E NENHUM TRABALHO É SÓ PRAZER”: UMA ANÁLISE PSICODINÂMICA DO
SOFRIMENTO, DEFESAS E PATOLOGIAS NO TRABALHO ARTÍSTICO

Monique Nascimento (UFSC) - moniquenn@gmail.com

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Administração

Marina Coelho Xavier (UFSC) - marinacoelho.nina@gmail.com

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Administração

Eloise Helena Livramento Dellagnelo (UFSC) - eloise.livramento@ufsc.com.br

Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração

Contextualização

É forçoso reconhecer a existência de sofrimento no trabalho artístico, quando admitimos que o próprio processo de criação artística está longe de caracterizar o exercício extasiado do dom – a que foi, um homem, “divinamente” agraciado – em liberdade. Está, o fazer artístico, assim como qualquer atividade humana, inerente ao sofrimento. Podemos inferir, no entanto, o aumento da exposição desse trabalhador a experiências negativas desta ordem, quando se considera o inevitável contato ou submissão do artista profissional com o (e adequação da sua obra ao) mundo contemporâneo moderno/ocidental centrado no capital – não obstante à romantização da arte e percepções ordinárias (equivocadas) que associam o trabalho com arte ao prazer, lazer e ócio, e o trabalhador da arte a uma figura excepcional, libertária, intrinsecamente motivada.

A configuração profissional e o caráter econômico do trabalho artístico, de fato, diferem dos vínculos empregatícios tradicionais e guarda particularidades, não necessariamente positivas. O trabalho artístico retrata uma economia de incertezas, que inflige a hiperflexibilidade contratual aos que nela se inserem. O artista enfrenta a dispersão de equipes abertas, submete-se a práticas de subcontratação e de trabalho intermitente, atua por acordos precários – informais, instáveis, eventuais, temporários (MENGER, 2001, 2002, 2005; BENHAMOU, 2007; TRANSFORM, 2008; BENDASSOLLI, 2009; BANKS; GILL; TAYLOR, 2013; LOACKER, 2013) – e lida com as consequências desta forma de inserção no mercado para sua subjetividade.

Embora a mercantilização cultural já não seja um novo assunto (SEGNINI, 2010; LIMA, 2009; BUENO, 2012; FERREIRA, 2011a, 2011b; ALVARENGA, 2013) e, ainda que, com a recente percepção da cultura enquanto vetor de desenvolvimento econômico, o interesse na geração de empregos e relações de trabalho do setor cultural tenha aumentado (THORSBY, 2001; BENDASSOLLI, 2009), o reconhecimento das condições de trabalho não têm gerado reflexões sobre suas implicações em termos de vivência de prazer e sofrimento no trabalho; reflexão esta, pouco explorada cientificamente e cujo aporte teórico da psicodinâmica do trabalho oferece potencial contribuição. Neste propósito, observamos a atuação e colhemos o relato de quatro artistas profissionais atuantes na região da grande Florianópolis, identificando e analisando fundamentalmente as vivências de sofrimento, estratégias de defesa e patologias desenvolvidas por estes trabalhadores inseridos na lógica mercadológica.

Feita a contextualização, adiante dissertamos a respeito do trabalho artístico na sociedade centrada no mercado – à luz da psicodinâmica do trabalho e de literatura relacionada

à economia da cultura —; detalhamos o processo metodológico do estudo; apresentamos os casos de Luiz, Equilibrista, Fernando e Ricardo; discutimos a relação entre o contexto contemporâneo de mercantilização cultural e o agravamento do sofrimento destes trabalhadores; e, finalmente, esboçamos, através dos achados do estudo, algumas considerações acerca das implicações materiais e subjetivas envolvidas na sujeição do artista e sua obra às relações mercantis.

Retratos do trabalho artístico em uma sociedade centrada no mercado

Podemos observar em literaturas concernentes ao trabalho artístico, uma série de desafios para a compreensão de tal universo de trabalho. Esses desafios podem variar desde o não reconhecimento do exercício da arte enquanto trabalho à uma concepção romantizada do trabalho artístico. Instala-se uma confusão perversa entre o fazer artístico (e sua comercialização) e trabalho criativo (ou uso da criatividade para produção mercantil), cuja delimitação é realmente imprecisa. Esta última perspectiva parece estar presente nas discussões recentes sobre economia criativa, que reforçam uma representação do artista enquanto um trabalhador do futuro, empreendedor de si, intrinsecamente. Outras concepções, criticadas por alguns autores (ANTUNES, 2003; MARX, 2004; MENGER, 2005; TRANSFORM, 2008; SENNETT, 2009; BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2011; BANKS; GILL; TAYLOR, 2013; HOPE; RICHARDS, 2015), atribuem ao fazer artístico um exercício puro de autorrealização em plena liberdade, desprovido da alienação pelo controle total dos modos de produção. Em ambas as leituras, no entanto, a atividade artística é exaltada como uma forma positiva, idealmente desejável, de trabalho. Pouco se versa sobre o potencial conflitivo, as condições precarizantes e os aspectos subjetivos do mercado da arte.

Frente a tal perspectiva, destacamos que a consolidação da economia reduzida como sinônimo de mercado autorregulado (POLANYI, 2000), tende a subordinar à sua lógica toda e qualquer forma de manifestação humana, inclusive a expressão artística (BRANT, 2009). O campo cultural, neste sentido, não permanece imune à unidimensionalização do mercado, cuja classe dominante segue controlando os meios de produção, ou nas palavras de Marx e Engels (1997, p. 35-36): “quem quer que pretenda criar algo, opera em sua órbita de poder”.

Compreendemos assim, que a validação mercantil e valoração econômica da arte impacta profundamente seu valor simbólico. A orientação comercial implica em adaptações ao processo e/ou obra, inibe o espírito independente e autônomo e impõe restrições ao exercício criativo. Situações que reforçam o entendimento de que a relação arte-negócio é inerentemente conflituosa (BENDASSOLLI; 2009; BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2011).

Subjacente à exaltação do lúdico em um mercado supostamente harmônico, apoiado por valores ilustres de criatividade e inventividade, ocultam-se aspectos reais menos glamorosos de uma carreira profissional precária (COLI, 2006) caracterizada por contratos instáveis, informais e temporários, múltiplos e simultâneos, sem delimitações de tempo-espço, sem a proteção dos direitos e benefícios trabalhistas dos vínculos empregatícios tradicionais. (MENGER, 2001, 2002, 2005; BENDASSOLLI, 2007; BENHAMOU, 2007; TRANSFORM, 2008; BENDASSOLLI, 2009; GILL; TAYLOR, 2013; LOACKER, 2013). Para que se entendam as condições do exercício do trabalho artístico, deve-se, neste sentido, investigar as condições materiais e subjetivas de sua realização.

Um olhar à luz da psicodinâmica do trabalho à economia da cultura

Desenvolvida inicialmente por intermédio de referenciais da psicopatologia, a psicodinâmica incorporou, conceitos advindos da Ergonomia, Psicanálise e da Psiquiatria; da Sociologia (Sociologia da Ética e Sociologia da divisão sexual do trabalho) e da Antropologia; da Filosofia (fenomenologia de Michel Henry e Escola de Frankfurt), do Direito; e, mais atualmente, da Economia – o que contribuiu para que a abordagem desenvolvida por Christophe Dejours, seu principal expoente, evoluísse para uma construção própria (DEJOURS, 2012a).

A construção da teoria, nos dois últimos decênios, acompanhou as transformações ocorridas no mundo do trabalho, que provocaram a transição de um modelo predominantemente estável, regulado e padronizado, a formas flexíveis de trabalho em que a criatividade e a inventividade ganham valor como recurso produtivo (MENGER, 2005; BENHAMOU, 2007; ANTUNES, 2014). Esta nova configuração faz ampliar pesquisas teórico-práticas de clínicas do trabalho como a psicodinâmica (FERREIRA, 2011b). Diante deste contexto, associado ao forte engajamento subjetivo, alto grau de incerteza e vínculos remotos com a organização formal do trabalho, o exercício artístico profissional pode ser vislumbrado como um campo de estudos privilegiado e pouco explorado para a investigação das vivências de prazer e sofrimento no trabalho, oferecendo contribuições para os aportes teóricos da psicodinâmica (SEGNINI, 2010; LIMA, 2009; BUENO, 2012; FERREIRA, 2011a, 2011b; ALVARENGA, 2013)¹.

A abordagem desenvolvida por Dejours parte de uma concepção freudiana que assume o sofrimento como inerente ao trabalho², tendo em vista que trabalhar envolve necessariamente um confronto entre os desejos do sujeito e a organização do trabalho e, assim, pressupõe tanto

¹ Em Dejours (2008b) encontramos referências a situações de trabalho menos marcadas pela organização do trabalho – como trabalho artístico e o trabalho do psicanalista – enquanto atividades ainda pouco pesquisadas.

² Segundo Freud (2011), a atividade humana percorre duas direções: a busca pelo prazer e evitação do desprazer ou sofrimento.

a vivência de prazer quanto a de sofrimento (DEJOURS, 1992; DEJOURS et al., 2014). Dessa maneira, a instalação da vivência de sofrimento, ocorre quando a realidade acaba não oferecendo as possibilidades de gratificação aos desejos dos trabalhadores (MENDES; MORRONE, 2010).

Em relação ao sofrimento, salienta-se que o mesmo não é considerado necessariamente patogênico, pois pode atuar como propulsor para mudanças (DEJOURS et al., 2014; Dejourn, 2012b; MORAES, 2013). Quando o trabalhador se depara com algum problema que o faz experimentar o fracasso, e busca uma solução como tentativa para aliviar o sofrimento, observa-se o sofrimento criativo (MORAES, 2013b). No sofrimento criativo, há uma mobilização subjetiva por parte do sujeito que possibilita a subversão do seu sofrimento em prazer. No entanto, há necessidade de haver liberdade por parte da organização do trabalho. (DEJOURS et al., 2014). Esse investimento subjetivo é potencializado pela inteligência prática, espaço à fala, cooperação e reconhecimento (MORAES, 2013b). Quando a rigidez da organização do trabalho entra em conflito com a subjetividade do trabalhador e com outros elementos necessários à sua saúde como o investimento na criatividade, inviabilizando a transformação do sofrimento, os trabalhadores constroem estratégias para não sucumbir à doença. As estratégias de defesa podem ser definidas como recursos construídos pelos trabalhadores, de maneira individual e coletiva, para minimizar a percepção do sofrimento no trabalho, através da recusa daquilo que lhes faz sofrer (MORAES, 2013a; DEJOURS, 2012b).

A compreensão das estratégias de defesa, na psicodinâmica do trabalho, advém da concepção psicanalítica dos mecanismos de defesa do ego (ALDERSON, 2004; DEJOURS, 1999; DEJOURS et al., 2014). Para Anna Freud (2006, p.42), os mecanismos de defesa podem ser compreendidos como “transformações, distorções e deformidades do ego” para defender sua personalidade de uma ameaça, sendo uma definição da ordem do singular. Segundo a autora, todas as pessoas utilizam certo repertório de tais mecanismos. Pesquisas mais recentes demonstram que alguns usos de mecanismos de defesa podem ser mais saudáveis que os outros, e que tais mecanismos podem variar conforme o grau de maturidade e adaptação do sujeito (CANÇADO; SANT’ANNA, 2013; VAILLANT, 1992, 2000). No quadro a seguir, podemos vislumbrar alguns dos mecanismos de defesa comumente encontrados na literatura psicanalítica, acompanhados de uma breve noção a respeito de cada termo.

Quadro 1 – Repertório de Mecanismos de Defesa do Ego

Mecanismos de Defesa do Ego	
Hiperatividade ou Trabalho Compulsivo	Defesas contra o sofrimento no trabalho que permitem ao trabalhador manter-se ocupado sem entrar em contato com dimensões que lhe angustiam no trabalho. (DEJOURS, 2004a; MARZANO, 2004).
Humor	Mecanismo de defesa maduro ou mais saudável. Expressão espontânea e sem aparente incômodo de experiências dolorosas (VAILLANT, 1992, 2000).
Negação	Refere-se a evitar a percepção de algum aspecto doloroso da realidade; negando ou recusando aceitar a realidade externa realidade (CANÇADO; SANT'ANNA, 2013; VAILLANT, 1992, 2000).
Racionalização	Argumentação racional para explicação ou justificação de comportamentos, atitudes ou crenças que de outros modos poderiam, ou não, ser considerados inaceitáveis (CANÇADO; SANT'ANNA, 2013; VAILLANT, 1992, 2000).
Somatização	Tradução, de maneira desproporcional, de conflitos intrapsíquicos em sintomas físicos (CANÇADO; SANT'ANNA, 2013; VAILLANT, 1992, 2000).
Sublimação	Mecanismo de defesa maduro ou mais saudável. Diz respeito a recorrer a meios aceitáveis socialmente e/ou gratificantes como meio para resolução indireta de conflitos internos (CANÇADO; SANT'ANNA, 2013; FREUD, 2006; VAILLANT, 1992, 2000).

Fonte: Elaborado pelas Autoras

Em conformidade com Dejours et al. (2014), a diferença fundamental entre os mecanismos de defesa individuais e as estratégias coletivas de defesa é que o mecanismo de defesa se encontra interiorizado, ou seja, ele persiste mesmo não havendo a presença física de outros. Já a estratégia coletiva de defesa depende de condições externas e as contribuições individuais acabam sendo coordenadas e unificadas por regras defensivas. Dejours et al. (2014, p. 128) referem que as estratégias defensivas, construídas, organizadas, e gerenciadas coletivamente, “levam à modificação, transformação, e em geral, à eufemização da percepção que os trabalhadores têm da realidade que os faz sofrer.” Tal interpretação das estratégias coletivas de defesa pressupõe que vários sujeitos, experimentando de maneira singular um sofrimento único, seriam capazes de unirem seus esforços em prol da construção de uma estratégia defensiva comum.

Em princípio, as defesas tendem a refletir condutas úteis à saúde mental, no enfrentamento dos constrangimentos e contradições da organização do trabalho e manutenção da normalidade (ALDERSON, 2004; DEJOURS, 1999)³. Em uso recorrente e prolongado, no entanto, as defesas possuem impacto negativo sobre a saúde mental dos sujeitos. Pode haver um esgotamento do repertório frente à exacerbação das situações que causam desconforto, instalando-se o sofrimento patogênico (MORAES, 2013b), de manifestações psíquicas e/ou somáticas (DEJOURS, 2007).

³ Destaca-se que Dejours (1999), esclarece que a normalidade não pressupõe ausência de sofrimento e nem saúde em um sentido de plenitude. Haja vista, que para a psicodinâmica do trabalho a saúde é um ideal a ser perseguido, mas que nunca será plenamente alcançado (DEJOURS, 1986).

As patologias no trabalho, por sua vez, são formas de adoecimentos decorrentes “do contexto sócio histórico e da organização de trabalho na qual se manifesta e que afetam as relações sociais e de trabalho” (FERREIRA, 2013, p. 275). Fundamentada nas pesquisas desenvolvidas por Dejours, Mendes (2007b) propõe a existência de três patologias concernentes ao trabalho: da sobrecarga, da servidão voluntária e da violência. As patologias da sobrecarga dizem respeito às lesões de hipersocialização, entre elas as LER/DORT e os problemas psicossomáticos. Já a servidão voluntária, para Dejours (2005, p.42), é considerada uma condição, entendida como “uma nova forma de escravidão moderna”, face ao projeto neoliberal, sendo vinculada às necessidades de emprego e conforto na vida. As relações, nesse caso, tendem a assumir um caráter conformista e dissimulatório do sofrimento e do adoecimento, tendo em vista às exigências do contexto produtivista (FERREIRA, 2013).

A patologia da violência relaciona-se às práticas agressivas contra si mesmo, contra os outros e contra o patrimônio, em atos de vandalismo, sabotagem, assédio moral e suicídios (FERREIRA, 2013; MENDES, 2007b). Ela se manifesta quando as relações subjetivas com o trabalho estão degradadas. Essa patologia ocorre de situações de estresse e da perda de sensibilidade ao próprio sofrimento e das demais pessoas (FERREIRA, 2013). Está relacionada à desestabilização da solidariedade e possui em suas bases a solidão afetiva, abandono, e a desolação, relacionados ao trabalho (MENDES, 2007b).

Com o objetivo de sintetizar a discussão a respeito das categorias sofrimento, defesas e patologias, há no quadro a seguir, uma breve definição de cada elemento.

Quadro 2 - Elementos Constituintes da Categoria Sofrimento, Defesas e Patologias no Trabalho

Sofrimento, Defesas e Patologias no Trabalho			
Sofrimento	Dá-se quando a organização do trabalho conflitua com o funcionamento psíquico dos sujeitos, e estão bloqueadas as possibilidades de adaptação entre a organização do trabalho e o desejo dos mesmos (DEJOURS, 1992).	Sofrimento Criativo	Ocorre quando há liberdade na organização do trabalho e mobilização subjetiva do trabalhador para a subversão do seu sofrimento em prazer (DEJOURS <i>et al.</i> , 2014).
		Sofrimento Patogênico	Quando a falta de liberdade e flexibilidade da organização do trabalho, impedem a mobilização subjetiva do trabalhador, que utiliza estratégias de defesa para suportar o contexto de trabalho (DEJOURS <i>et al.</i> , 2014).
Defesas	Recursos construídos pelos trabalhadores, de maneira individual e coletiva, para minimizar a percepção do sofrimento no trabalho (MORAES, 2013a; DEJOURS, 2012b).	Estratégias Individuais	Se manifestam em nível inconsciente (CANÇADO; SANT’ANNA, 2013) e são compreendidas como “transformações, distorções e deformidades do ego” para defender sua personalidade de uma ameaça (FREUD, 2006, p.42).
		Estratégias Coletivas	Funcionam como regras, por um consenso ou acordo partilhado coletivamente. Atuam sobre a percepção da realidade e operam por retorno e eufemização (DEJOURS, 2014, p. 128-129.)

Patologias	Forma de adoecimento decorrente do contexto sócio histórico e da organização do trabalho (FERREIRA, 2013, p.275).	Sobrecarga	Lesões de hipersocialização, entre elas as LER/DORT e os problemas psicossomáticos (MENDES, 2007b).
		Servidão Voluntária	Conduta conformista e dissimulatória do sofrimento e/ou adoecimento – uma nova forma de escravidão moderna (DEJOURS, 2005; FERREIRA, 2013).
		Violência	Práticas agressivas contra si, outros e contra o patrimônio, em atos de vandalismo, sabotagem, assédio moral e suicídios (FERREIRA, 2013; MENDES, 2007b).

Fonte: Elaborado pelas Autoras

Com base no quadro 2 e naquilo que foi discutido no presente tópico, ressaltamos que o sofrimento assume variados sentidos durante o processo de adoecimento. A dor que inicialmente pode ser sentida como banal, com o passar do tempo pode vir a limitar o movimento do corpo, forçando, dessa forma, o trabalhador a reconhecê-la (MARTINS, 2008). Apesar de o trabalho ser constituinte da subjetividade do trabalhador, mediando a construção da identidade, por intermédio do reconhecimento; o trabalho pode também conferir ao trabalhador uma condição alienante, a qual necessita ser superada em nome da saúde mental do sujeito. Assim, a psicodinâmica do trabalho fornece aporte teórico para que se repense os modelos organizacionais atuais, buscando-se a supressão de casos em que as condições individuais dos trabalhadores sejam desrespeitadas.

Procedimentos metodológicos

Realizamos um estudo de caso instrumental-coletivo (STAKE, 2000), com utilização de métodos de análise qualitativos, por compreendermos que o estudo destes casos contribui para o entendimento mais amplo da questão que propomos – refletir a vivência de sofrimento no trabalho artístico inserido no contexto de mercantilização cultural contemporâneo –, ilustra e fornece pistas para a contestação de um discurso – romantizado e harmônico do trabalho artístico como fonte inequívoca de prazer – amplamente aceito.

O caráter qualitativo dá-se na análise das palavras, no reporte detalhado do material empírico representativo (não numérico) e visões dos informantes e na condução do estudo em um campo natural, permitindo a construção de um quadro complexo, que nos localiza como observadoras no mundo, para a exploração e compreensão profunda e subjetiva de um problema humano-social contextualizado (CRESWELL, 1998; MINAYO, 2001; DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 17). Nas palavras de Dejours et al. (2014, p.22): “não é possível quantificar uma vivência, que é, em primeiro lugar e antes de tudo, qualitativa. O prazer, a satisfação, a frustração, a agressividade, dificilmente se deixam dominar por números”. Termos objetivos não dão conta de uma vivência, por definição, subjetiva.

Adotamos, em termos teórico-epistemológicos, os pressupostos da psicodinâmica do trabalho que compreende dimensões da construção-reconstrução das relações existentes entre sujeitos-trabalhadores e a realidade concreta de trabalho. Vislumbra articular a emancipação do sujeito do trabalho. Tece críticas ao trabalho prescrito, desestabiliza o que já está posto, e acaba por traduzir o trabalho a partir dos processos de subjetivação e vice-versa (MENDES, 2007a). A clínica psicodinâmica requisita uma qualificação teórico-metodológica, que seja capaz de articular a teoria social e do sujeito, a uma condução centrada na escuta do outro, além da palavra (no não dito, silenciado, oculto), para revelar o não visível e construir estratégias que permitam a aberturas de espaços de ação para ressignificação do sofrimento e um novo sentido ao trabalho (MENDES, 2007c; MENDES; ARAÚJO, 2012).

A partir destes pressupostos, estudamos os casos de quatro artistas atuantes na região da grande Florianópolis, entre os meses de setembro a dezembro de 2016. Observamos as rotinas de trabalho e realizamos quatro entrevistas semiestruturadas individuais em profundidade, com cada artista, orientadas pelas seguintes temáticas: organização do trabalho; mobilização subjetiva e sofrimento, defesas e patologias.

Luiz, Equilibrista, Fernando e Ricardo (pseudônimos escolhidos pelos sujeitos da pesquisa para preservação de suas identidades) atuam em diferentes áreas da arte, por períodos de tempo que variam de 4 a 30 anos de experiência. Sintetizamos no Quadro 3 o perfil dos artistas.

Quadro 3 – Perfil dos sujeitos da pesquisa

Sujeitos da Pesquisa			
Pseudônimo	Atividade	Tempo de trabalho	Idade
Luiz	Ator, produtor e professor de artes cênicas	5 anos	31
Equilibrista	Dançarina, professora de dança e coreógrafa	4 anos	25
Fernando	Músico e luthier	10 anos	29
Ricardo	Multiartista (artes visuais, teatro e música)	30 anos	49

Fonte: Elaborado pelas Autoras

Os relatos dos quatro artistas foram submetidos à análise de conteúdo categorial temática, proposta por Bardin (2016), partindo das categorias previamente definidas – vivências de sofrimento; estratégias defensivas; e patologias – e analisados à luz do arcabouço teórico da Psicodinâmica do Trabalho, desenvolvida pelo francês Christophe Dejours em 1980, e de literatura concernente à economia da cultura.

Vivências e narrativas dos artistas

Neste tópico apresentaremos respectivamente os casos de Luiz, Equilibrista, Fernando e Ricardo. Destacamos que cada pseudônimo escolhido possui um significado especial ao artista. Convém destacar a escolha de Equilibrista que, segundo a mesma, corresponde a uma analogia à carreira artística – inspirada na música “O bêbado e a equilibrista”⁴ –, diante da insegurança financeira, da ausência de vínculos formais de trabalho, e dos benefícios por ele assegurados. Acreditamos que o pseudônimo escolhido por Equilibrista seja simbólico, por ilustrar uma condição do trabalho artístico que perpassa os discursos dos demais participantes da pesquisa, a seguir descritos.

O Caso de Luiz

À época da pesquisa, Luiz possuía 31 anos de idade, era graduado em publicidade e propaganda e pós-graduado em marketing estratégico e em gestão cultural pelo SENAC. Trabalhava como ator de teatro, produtor cultural e professor auxiliar de iniciação cênica e montagem teatral.

Aproximadamente 5 anos mantendo-se financeiramente exclusivamente da arte, Luiz expressou, no decorrer das entrevistas, que as vivências de sofrimento em seu trabalho estavam associadas a situações como: a não compreensão do fazer artístico enquanto trabalho; ausência de reconhecimento do público e dos pares; baixa presença de público nos eventos e/ou apresentações; pouca perspectiva de crescimento profissional; ausência de vínculos formais empregatícios e seus benefícios; e, insegurança financeira. Luiz relatou-nos que a falta de recursos financeiros restringia sua liberdade de criação, determinando: o tipo de apresentação (contação de histórias, monólogos, peças teatrais), o local (teatros, praças, estradas), o roteiro (elaborado previamente ou não); a iluminação cênica (artificial ou natural); e, escolha das músicas, temas, figurinos e cenários.

Segundo Luiz, a ausência de vínculos formais de trabalho e a instabilidade financeira seriam “os grandes problemas, os problemas gigantes” de sua profissão e contribuíam para a não compreensão do fazer artístico como trabalho por parte da sociedade, em geral. Ademais, por ter formação acadêmica em outra área, pessoas próximas ao artista como seus pais (que

⁴Composta por de João Bosco e Aldir Blanc e interpretada por Elis Regina, a música o bêbado e a equilibrista foi gravada em 1979 e tornou-se um hino à anistia no fim da ditadura militar. Assim, o bêbado refere-se a classe artística, representada por Carlitos. O traje de luto do bêbado correspondia ao estado, marcado pela ausência de liberdade de criação, no qual a classe artística se encontrava. A “Equilibrista”, por sua vez, pode ser compreendida como um fio de esperança que começava a surgir na democracia. Nesse sentido, tanto a classe artística quanto a esperança na democracia, necessitavam se equilibrar em suas cordas bambas para assim alcançarem seus objetivos.

financiaram seus estudos), questionavam a sua escolha profissional. Destacamos o papel das defesas do ego, percebidas nas falas de Luiz a conteúdos mentais não desejados. Identificamos o humor; a racionalização e a sublimação como estratégias recorrentes do artista.

O uso do humor marca a fala de Luiz ao referir-se à sua reação (e dos colegas) à baixa presença de público nos eventos/apresentações: Nas palavras de Luiz: “(...) a gente faz graça, assim: “chegou um, agora dois.” Fazer o quê? Vou chorar?”. A racionalização pode ser vislumbrada quando o artista utiliza argumentos lógicos para explicar escolhas ou adaptações por questões financeiras: “Não precisa eliminar outro trabalho que envolve fazer artístico, mas que tá relacionado com o comercial. Acho que se for para produzir alguma coisa e vender, prefiro produzir algo artístico (...). Eu posso pegar um assunto que eu acho bacana e que vai ser construtivo para as crianças (Luiz)”.

Pudemos observar, ainda, a sublimação quando o artista relata que, para superar as instabilidades financeiras, seu grupo de teatro desenvolve algumas apresentações com maior aceitação comercial, mas busca outros espaços para criar com maior liberdade – diminuindo experimentação negativa resultante da formatação. As falas do artista reiteram a importância do processo sublimatório na resignificação de situações sofríveis decorrentes do contexto de trabalho artístico.

Não obstante aos aspectos sofríveis decorrentes do trabalho, o artista não relacionou patologias ao exercício artístico. Apenas sentimentos momentâneos de estresse, desespero, tristeza e angústia foram relatados: (...) tem momentos difíceis momentos de estresse, momentos de desespero (...). (...) tem também, momentos pontuais de dúvidas, até de tristeza, de angústia, de não saber como eu vou sair dessa (Luiz).

Todavia, apesar de destacar experimentações mentais negativas relacionadas ao trabalho artístico, são mais frequentes, segundo Luiz, momentos prazerosos. O artista é enfático: “(...) Essa liberdade de expressão me faz gostar muito de trabalhar aqui. (...). (...) esse é o emprego que eu quero ter, eu tô no emprego dos meus sonhos (Luiz) ”.

O Caso de Equilibrista

À época da pesquisa, Equilibrista possuía 25 anos de idade, era coreógrafa, bailarina, professora de dança e graduanda em arquitetura. Tinha aproximadamente 20 anos de participações em festivais e outros eventos de dança e atuava há 5 anos como professora de dança. Equilibrista expressou no decorrer das entrevistas que as vivências de sofrimento em seu trabalho estiveram associadas à: não compreensão do fazer artístico como um trabalho, por parte da sociedade, em geral, e dos pares; ausência de vínculos formais de trabalho e benefícios

assegurados; inseguranças financeiras; ritmo de trabalho intenso; restrição na liberdade de criação e expressão – incluindo-se: condução das aulas de dança; escolha de músicas; criação de coreografias, figurinos e cenário.

No que tange à não compreensão do fazer artístico como um trabalho por parte da sociedade em geral, a artista relata que o fato de trabalhar com algo que lhe dá prazer e que lhe faz bem, tende a ser visto de uma maneira depreciativa por inúmeras pessoas que tendem a associar trabalho ao esforço desprovido de prazer:

A nossa sociedade tá muito acostumada a pensar que o trabalho tem que ser algo que te faça sofrer, que seja ruim, que tu não podes trabalhar com algo que seja bom, que tu gostes. (...) já vi minha irmã fazendo esse tipo de comentário: “ela dança... que coisa boa... que trabalho fácil que ela tem... Porque é o que ela gosta de fazer”. (...) Eu falo para os professores da universidade, que eu trabalho com dança e por isso eu vou ter que faltar a próxima aula, eles falam: “hum...tu vais lá dançar”. É uma coisa que me incomoda, sabe?! Fico chateada, assim. (...) (Equilibrista).

O sofrimento permeia o relato da artista, também, quando fala do trabalho associado à instabilidade financeira pela ausência de um vínculo formal de trabalho e dos benefícios dele decorrentes. Este contexto leva Equilibrista a trabalhar em projetos múltiplos simultaneamente e com diferentes parceiros/clientes, o que a faz intensificar o ritmo de trabalho, gerando desgaste físico e psíquico. A fala da artista ilustra a vivência do sofrimento:

Gostaria desse tipo de coisa, poder pagar um plano de saúde, poder pensar que eu posso ter uma aposentadoria, que algum dia na vida ainda vou ter esses direitos que estão muito vinculados a garantia de uma qualidade de vida, uma vida que um humano merece, e que muitas vezes a gente não sabe se vai ter. A todo momento a gente fica pensando: Será que vai dar? Será que não vai? Esse é o meu principal objetivo no momento (Equilibrista).

Equilibrista relata, ainda, que o reconhecimento de seu trabalho por seus pares é dificultado pela presença marcante de competições entre dançarinos e grupos de dança e pela padronização das avaliações em festivais.

Diante destes aspectos, identificamos como principais mecanismos de defesa utilizados pela dançarina a racionalização e a sublimação. A racionalização pode ser vislumbrada no conteúdo da fala de Equilibrista, quando a artista argumenta (também para autoconvencimento) que as condições instáveis inerentes ao trabalho “fazem parte do processo”. Podemos também pensar no uso da racionalização quando a artista afirma que o não reconhecimento de seu trabalho ocorre porque as pessoas ainda conhecem bem o trabalho que desenvolve.

A sublimação é evidenciada quando a artista relata que trabalhar na área artística, além de lhe proporcionar prazer, a auxilia a lidar com situações sofríveis de seu cotidiano e trabalho com dança:

Eu trabalho na dança exatamente pelo prazer. (...). A possibilidade de trabalhar na arte me possibilita um melhor movimento comigo, assim psicologicamente. (...) Tem a insegurança financeira, às vezes não tem reconhecimento (...) sabe?! Mas a dança me faz perceber eu mesma (...) e faz eu ir ressignificando isso (Equilibrista).

As patologias no trabalho da dançarina estão associadas ao ritmo de trabalho intenso, que tende a aumentar em períodos de apresentações/eventos, e que além de provocarem desgaste físico e psíquico causam frequentemente lesões musculares.

Apesar, no entanto, da presença marcante de sofrimento e patologias no trabalho, segundo Equilibrista, a dança a auxilia na ressignificação de experimentações negativas e gera prazer: “ninguém e nenhum trabalho é só prazer,” mas “os momentos de prazer acabam sendo maiores que os momentos de desprazer”.

O Caso de Fernando

À época da pesquisa, Fernando possuía 29 anos de idade, era músico associado à ordem dos músicos do Brasil e luthier. Com aproximadamente 20 anos de experiência na música, Fernando relatou vivências de sofrimento associadas à: não compreensão do fazer artístico como um trabalho; ausência de vínculos formais de trabalho; pouca presença de benefícios trabalhistas; insegurança financeira; pouco reconhecimento do público; ritmo de trabalho intenso; não fronteira entre vida pessoal e profissional; necessidade de adaptação do exercício artístico às oportunidades de trabalho e desejo do contratante; e, restrição da liberdade – no uso da identidade musical; na composição autoral; e nas escolhas das músicas a serem tocadas.

Fernando evidencia também a falta de reconhecimento social da música enquanto trabalho: “às vezes chega em algum lugar e precisa fazer um cadastro. Profissão? Músico. Tá, mas tu só fazes isso? A pergunta clássica”. Fernando relata que, embora sofra por causa da falta de reconhecimento externo pelo seu trabalho, a resistência de sua família em aceitar, no início da carreira, sua escolha profissional o afetou emocionalmente de forma mais profunda. Foi, segundo Fernando: “angustiante”. A ausência de vínculos formais e benefícios trabalhistas e a insegurança financeira dificultaram, para Fernando, a assimilação de seu fazer enquanto trabalho.

As restrições sofridas no exercício artístico por Fernando ficam evidentes ao relatar que o gênero musical em que possui maior volume de trabalho, o sertanejo, não é o de sua preferência, mas decorre da necessidade de adaptação às exigências do mercado.

Fernando descreve, ainda, como fonte de sofrimento, o ritmo intenso de trabalho: “(...) meu ritmo é muito intenso. Às vezes eu fico dias fora de casa, muitas noites eu não durmo em casa. Eu acho isso horrível. (...) final de semana não existe, na verdade é no fim de semana que a gente mais trabalha. (Fernando)”. O ritmo, somado ao contexto de trabalho marcado por instabilidade e informalidade contratual, flexibilidade de horários, provocam o alastramento da vida profissional à esfera pessoal.

Diante deste contexto, identificamos como principais defesas utilizadas por Fernando: a racionalização; a somatização e a sublimação. A racionalização é utilizada por Fernando para explicar a aceitação de situações contrárias à sua preferência ou valores pessoais. O músico argumenta que aceitar tocar estilo musical que não lhe agrada, é fator de amadurecimento profissional e necessidade de adaptação às exigências do mercado: “Eu sou um prestador de serviço. A minha responsabilidade é isso, estudar e cumprir aquilo pra que me contrataram”.

Fernando descreveu que, frequentemente, apresentava sintomas depressivos, azia e dor no estômago: sintomas que podem ser associados à somatização. Além de tendinite: patologia relacionada à sobrecarga de trabalho. Embora a somatização e patologias de sobrecarga se façam presentes na fala de Fernando, foi, também, possível apreender de seus relatos a existência de processos sublimatórios através da criação artística, que o auxiliam a lidar com situações sofríveis de seu trabalho como músico: “É uma terapia. Eu uso para desintoxicar, às vezes, a parte que eu tô agitado, turnê, estrada e tal. É uma terapia. Me ajuda a aliviar o stress” (Fernando).

O Caso de Ricardo

À época da pesquisa, Ricardo possuía 49 anos de idade, era artista plástico, carnavalesco e músico. Com mais 30 anos dedicando-se exclusivamente à arte, Ricardo relatou vivências de sofrimento associadas à: não compreensão do fazer artístico como um trabalho, por parte da sociedade, em geral; ausência de vínculos formais de trabalho e dos benefícios trabalhistas a eles associados; insegurança financeira; necessidade de adaptação às oportunidades e desejos do contratante/cliente; ritmo de trabalho intenso; cobrança por desempenho; e, restrição da liberdade – na criação de obras de arte; desenvolvimento de espetáculos; e composições musicais.

De acordo com Ricardo, a atividade artística, frequentemente, não é percebida como um trabalho, principalmente por pessoas que possuem um vínculo empregatício formal. O artista é, frequentemente, questionado: “Tu não fazes nada além de arte?”; “Tu pintas quadro? Mas tu não trabalhas?” Para o artista, há uma ideia que associa o trabalho artístico ao lazer, ou hobby, não havendo, de maneira geral, a compreensão do fazer artístico como trabalho.

Sobreviver financeiramente trabalhando exclusivamente com arte é encarado por Ricardo como o maior desafio da vida do artista, e impõe limitações à criação que geram sofrimento: “incômodo, angústia”. Embora a ausência de vínculo formal tenha consequências negativas, Ricardo diz preferir trabalhar em várias áreas da esfera artística, do que manter um vínculo formal e horários de trabalho definidos. Não obstante à sua escolha, o artista elenca o

grande volume de trabalho, ritmo intenso (sem pausas) e fortes cobranças por desempenho como fontes de sofrimento e adoecimento.

Identificamos, no relato do multiartista, a racionalização; hiperatividade (intensificação do ritmo e tempo prolongado de trabalho sem pausas); e a somatização (insônia, stress e problemas gastrointestinais); e, sublimação; como principais estratégias de defesas.

O processo de sublimação no trabalho artístico pode ser observado por intermédio da fala de Ricardo, principalmente quando o artista relata que o fato de se submeter à lógica mercadológica o incomoda, e que o meio por ele encontrado para lidar com tal fato é “descarregar o máximo de criação” nas obras criadas. Ricardo refere, ainda, que se não fosse o processo de criação, que é o que mais lhe motiva, ele não trabalharia na arte: “A criação é o que mais me motiva, senão eu não trabalharia com arte”.

Contexto de trabalho artístico, mercantilização da cultura e agravamento do sofrimento

A partir da observação e escuta dos artistas pudemos identificar alguns fatores comuns de vivências de sofrimento: a não compreensão do fazer artístico como um trabalho; ausência de vínculos formais de trabalho e proteção e benefícios trabalhistas assegurados; inseguranças financeiras; ritmo de trabalho intenso; limitações à liberdade para criar; e o não reconhecimento dos pares pelo trabalho realizado.

O não reconhecimento do fazer artístico como trabalho pode estar associado a diferentes questões. Muitas vezes a ideia de trabalho está associada à concepção contemporânea moderna-ocidental-capitalista de trabalho como labuta (COSTA, 2013), exercício desprovido de prazer ou satisfação (FREUD, 2011), atividade penosa realizada mediante recompensas financeiras (DEJOURS, 2004a). Com origem no latim, *tripalium*, a palavra trabalho se remeteu por muito tempo a uma ideia de tortura (COSTA, 2013). Talvez por resquícios das condições de trabalho e atividades laborais desenvolvidas a partir da revolução industrial, o potencial de sublimatório da atividade profissional tenda a ser desprezado (FREUD, 2011). Ainda, o trabalho é correntemente associado ao vínculo empregatício formal – forma de inserção e reconhecimento social, além de condição para o gozo de direitos (DEJOURS, 2004a). Assim, associada ao prazer, ao lazer, à autorrealização e de difícil inserção no mercado produtivo de bens funcionais, a atividade artística sofre a negação de ser considerada trabalho.

A não compreensão da atividade artística enquanto trabalho, além de provocar a vivência de sofrimento nos sujeitos, pode também ter um efeito deletério na saúde psíquica do trabalhador, bem como na construção da sua identidade. Não compreender a atividade artística enquanto trabalho é não reconhecer o artista enquanto trabalhador e tal relação não permanece

neutra no que concerne à saúde mental de tais profissionais. Para Dejours (2012b), o reconhecimento enquanto simbólico e possibilitador da transformação do sofrimento em prazer trata-se da identidade que deseja realizar-se (DEJOURS, 1999, 2012b).

A restrição da liberdade para criar, outro aspecto apontado como fonte de sofrimento no trabalho artístico é percebido pelos artistas de forma singular. Entre os sujeitos da pesquisa, Ricardo e Fernando, que trabalham exclusivamente na esfera artística há mais tempo que Equilibrista e Luiz, demonstraram possuir menor liberdade para criar. Retomamos o argumento de Dejours (1999) quando o autor afirma que o artista não pode escapar das relações de mercado. Ao se estabelecer relações mercantis entre o artista, o público e/ou o patrocinador, corre-se o risco de a arte passar a ser percebida como um meio de produção e a criação artística como um objeto de consumo, possibilitando que os desejos ou necessidades do patrocinador e do público predominem sobre os desejos ou necessidades dos artistas. Desse modo, pode ocorrer a instalação do sofrimento, pois não se vê mais na arte uma atividade destinada a harmonizar, em primeiro lugar, os desejos não gratificados do artista e em segundo lugar, os do público.

Cabe destacar, ainda, que, além do não reconhecimento do artista como trabalhador, por parte da sociedade em geral, o não reconhecimento dos pares também afeta sua saúde psíquica dos sujeitos pesquisados. O não reconhecimento dos pares foi associado principalmente ao contexto de alta competitividade, manifestado de maneira mais enfática na fala da Equilibrista. O ambiente de competições, busca por espaço e destaque em eventos, dificulta o julgamento da beleza do trabalho do outro artista e/ou grupo. Apesar o reconhecimento proveniente de o público ter sido mencionado nos relatos, para os sujeitos participantes deste estudo, há uma maior vivência de sofrimento, quando não há reconhecimento advindo de outros artistas.

Frente à vivência de sofrimento, há que se destacar o papel das defesas que entram em ação para possibilitar ao ego o estabelecimento de soluções, buscando que alguns componentes de conteúdos mentais não desejados, cheguem ao consciente de maneira minimizada ou disfarçada. As estratégias de defesa podem ser tanto de ordem individual quanto coletivas. Na ausência do coletivo de trabalho, as estratégias defensivas são individuais, ainda que partilhadas por inúmeros trabalhadores (MORAES, 2013a; DEJOURS, 1992, 2012b; MENDES, 2007a, ALDERSON, 2004). Destacamos, no entanto, que a utilização de mecanismos de defesa, de modo geral, não auxilia na subversão do sofrimento em prazer. Ao impedir que o trabalhador não pense naquilo que lhe faz sofrer no trabalho, as estratégias de defesa acabam inibindo a transformação das fontes de tal sofrimento (ALDERSON, 2004; DEJOURS et al., 2014).

Percebemos o uso, em todos os casos, de pelo menos duas estratégias de defesas individuais. Entretanto, há também, particularidades a serem ressaltadas a respeito de cada caso. As falas de Luiz, Equilibrista, Fernando e Ricardo, por vezes, indicam o processo de sublimação. Os estudos em psicodinâmica do trabalho, concernentes à sublimação, seguem uma indicação Freudiana. Para Sigmund Freud, a arte está diretamente relacionada à sublimação. A atividade artística pode, portanto, ser vislumbrada, como um trabalho com alto potencial sublimatório (FREUD, 2011; LAPLANCHE; PONTALIS, 2001; NAZAR, 2009).

Enquanto forma de o sujeito criar estratégias de enfrentamento do sofrimento e de busca pelo prazer, a sublimação constitui-se, assim, como um lugar significativo no funcionamento psíquico dos sujeitos (DEJOURS, 2013). A sublimação, diz respeito a recorrer a meios aceitáveis socialmente e/ou gratificantes como meio para resolução indireta de conflitos internos (VAILLANT, 1992, 2000; FREUD, 2006; CANÇADO; SANT'ANNA, 2013). Assim como a sublimação, foi possível notar o uso de racionalização em todos os casos estudados. A racionalização diz respeito a utilizar explicações racionais para tentar justificar comportamentos, atitudes ou crenças que de outros modos poderiam, ou não, ser considerados inaceitáveis (VAILLANT, 1992, 2000; FREUD, 2006; CANÇADO; SANT'ANNA, 2013).

Além da sublimação e racionalização, as falas de Fernando e Ricardo indicam o uso da somatização. Enquanto estratégia de defesa individual, a somatização implica na tradução, de maneira desproporcional, em sintomas físicos conflitos intrapsíquicos (VAILLANT, 1992, 2000; FREUD, 2006; CANÇADO; SANT'ANNA, 2013). No caso de Fernando, a somatização pode se fazer presente em sua fala, quando o artista relata que em momentos conturbados, como a falta de apoio no início de sua carreira, frequentemente apresentava sintomas depressivos, azia e dor no estômago. Em relação a Ricardo, pode-se pensar na somatização, quando o artista discorre que frequentemente apresenta insônia, stress e problemas gastrointestinais.

A partir do conteúdo transmitido por Ricardo, é possível pensar também no uso da hiperatividade no trabalho como estratégia de defesa individual. A hiperatividade ou o trabalho compulsivo, de acordo com Dejours (2004a) e Marzano (2004), podem ser consideradas defesas contra o sofrimento no trabalho que permitem ao trabalhador manter-se ocupado sem entrar em contato com dimensões que lhe angustiam no trabalho. Alguns trabalhadores possuem sua identidade atrelada ao trabalho, de maneira que parar de trabalhar pode proporcionar um contato com um vazio existencial demasiadamente grande, impossibilitando o desligamento de sua atividade. Assim, o trabalho, ao invés de possibilitar a autorrealização, pode se tornar uma vivência de esgotamento (MARZANO, 2004). Ricardo relata que inúmeras vezes intensifica seu ritmo de trabalho, não realizando pausas entre as atividades desempenhadas. Desse modo,

percebemos o uso de algumas dinâmicas que se aproximam da hiperatividade, ou trabalho compulsivo, abordados por Dejours (2004) e Marzano (2004).

No conteúdo trazido à luz por Luiz, além da racionalização e sublimação, podemos pensar no uso do humor. O humor diz respeito a expressar experiências dolorosas de maneira espontânea e sem aparente incômodo, para si e para quem está ao redor (VAILLANT, 1992, 2000; FREUD, 2006; CANÇADO; SANT'ANNA, 2013). O uso do humor, se faz presente na fala de Luiz, ao referir que diante da pouca presença de público, ele e seus colegas de trabalho costumam rir da situação.

Apesar do relato de estresse, tristeza e angústia associados a instabilidade financeira, Luiz, assim como Ricardo, não referiu o desenvolvimento de patologias relacionadas. Já Equilibrista atribui a um ritmo de trabalho intenso, além de desgaste físico e psíquico, o surgimento recorrente de lesões musculares. Além dos sintomas relacionados à somatização, Fernando, refere possuir tendinite.

As patologias apresentadas por Equilibrista e Fernando relacionam-se à sobrecarga de trabalho, são lesões de hipersocialização, entre elas as LER/DORT e os problemas psicossomáticos. A sobrecarga, nesse caso, é de origem social, ou seja, é prescrita pela organização do trabalho, pois não é o trabalhador que determina a carga de trabalho (MENDES, 2007b). Não obstante, a necessidade de realização e reconhecimento, por parte dos trabalhadores, pode implicar em uma aceitação de demandas que vão ultrapassar suas condições físicas, psicológicas e sociais (FERREIRA, 2013; MENDES, 2007b).

No que concerne ao sofrimento vivenciado, frente ao exposto, consideramos presentes no cotidiano de trabalho de Luiz, Equilibrista, Fernando e Ricardo, tanto o sofrimento criativo quanto o patogênico. Entretanto, Luiz e Equilibrista, artistas com menor tempo de trabalho exclusivo na arte do que Fernando e Ricardo apresentam quadros em que o sofrimento criativo tende a prevalecer ao patogênico. Especialmente no caso de Luiz, duas das três estratégias de defesa – sublimação e humor –, são classificadas por Vaillant (1992, 2000), como mecanismos de defesa maduros ou mais saudáveis. Destacamos ainda, que Equilibrista, referiu que mesmo diante da existência, em seu trabalho, de situações sofríveis, “os momentos de prazer acabam sendo maiores que os momentos de desprazer”.

Fernando e Ricardo, artistas que mantêm suas famílias com renda obtida exclusivamente da arte e que trabalham na esfera artística por mais tempo que Luiz e Equilibrista, apresentam quadros em que o sofrimento patogênico tende a prevalecer ao criativo, dadas as estratégias de defesa utilizadas e os sintomas de patologias por eles associados ao trabalho. Não se exclui, no entanto, a presença do sofrimento criativo. Ambos os artistas

identificam no trabalho artístico a possibilidade de ressignificação de inúmeras situações sofríveis. Podemos, a partir dos relatos, reafirmar, assim, que a atividade artística tende a ser estruturante aos sujeitos e importante via de satisfação, por meio da sublimação.

Algumas reflexões

Identificamos a partir da observação do cotidiano de trabalho e das narrativas dos sujeitos da pesquisa uma inter-relação entre os dispositivos que influenciam na experimentação de sofrimento no trabalho artístico e percebemos que tendem a ser relacionados ao contexto e condições de trabalho que a inserção própria da arte no mercado e, em uma perspectiva mais ampla, em uma sociedade centrada no mercado impõe.

Percebemos que estes fatores que influenciam tais vivências relacionam-se aos critérios de validação, legitimação, reconhecimento e absorção de atividades por padrões de utilidade e rentabilidade inerentes à lógica mercantil, que fogem ao fazer artístico (inútil: no sentido de guardar valor em si), produtor de sentido, experimental, não teleológico, de difícil mensuração de valor, que guarda, portanto, peculiaridades estranhas, ou até contrastantes, à lógica produtiva moderna-ocidental-capitalista.

Não absorvidos pelo mercado de trabalho por vínculos empregatícios formais – que a princípio garantem proteção e os benefícios das leis trabalhistas –, por não se enquadrarem na produção de utilidades e bens de fácil comercialização, os artistas enfrentam, além do não reconhecimento enquanto trabalhadores, a instabilidade financeira mediante condições de trabalho adversas, aceitam contratos hiperflexíveis, precários e informais, que restringem a liberdade de criação e assumem um ritmo intenso de trabalho ao se envolverem em projetos múltiplos com diferentes clientes: condições que lhes causam desgastes físicos e psíquicos.

Observamos que a arte, considerada uma atividade com alto potencial sublimatório, paradoxalmente, quando em contato com ou subjugada ao mercado, tende a encontrar dificuldades para a intensificação de processos de sublimação e ocasionar o agravamento das vivências de sofrimento, possibilitando a instalação de desestabilização psíquica e adoecimento. No entanto, estes trabalhadores, ainda que não reconhecidos como tais, ainda encontram no exercício artístico a possibilidade de subversão de inúmeras experiências sofríveis influenciadas pelo próprio exercício da arte enquanto trabalho.

Referências

- ALDERSON, M. La psychodynamique du travail: objet, considerations épistémologiques et premisses théoriques. **Santé mentale au Québec**, Érudit, Canadá, v. 29 n.1, p. 243-260, 2004.
- ALVARENGA, E. C. **A Coragem de ser Músico de Orquestra Sinfônica: uma análise baseada na psicodinâmica do trabalho**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – 2013. 101 f. Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de pesquisa**, v. 36, n. 129, 2006. p.637-651.
- ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 9ª Edição. São Paulo, Cortez, 2003.
- ANTUNES, R. Desenhando a Nova Morfologia do Trabalho e suas Principais Manifestações. In: MENDES, A. M.; MORAES, R. D; MERLO; A. R. C. **Trabalho & Sofrimento: práticas clínicas e políticas**. Curitiba: Juruá, 2014, p. 25-46.
- BANKS, M; GILL, R.; TAYLOR, S. (Ed). **Theorizing Cultural Work: labour, continuity and change in the cultural and creative industries**. Nova Iorque: Routledge, 2013.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BENDASSOLI, P. F. **Significado do Trabalho e Carreira Artística**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 44.
- BENDASSOLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E.; GONDIM, S. M. Self-control, self-management and entrepreneurship in Brazilian creative industries. **Paidéia**, v. 26, n.63, p.25-33, 2016.
- BENDASSOLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E. Significado do trabalho nas indústrias criativas. **RAE**, v.51 n.2, p. 143-159, 2011.
- BENDASSOLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2011.
- BERMAN, M. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BENHAMOU, F. **A economia da cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- BRAGA, W.D. Novas identidades para o novo mundo do trabalho através da Cultura: o velho mantra do capitalismo revisitado. **Eptic**, v.17, n.1, Jan., p.219-235, 2015.
- BRANT, L. **O Poder da Cultura**. São Paulo: Peirópolis, 2009.
- BUENO M. “A arte de escrever, com a palavra o escritor”. As vivências dos escritores literários em relação ao seu trabalho: uma abordagem psicodinâmica. 2012, 366 f. **Tese** (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia do Trabalho e das Organizações, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012.
- CANÇADO, V. L; SANT’ANNA, A. de S. Mecanismos de Defesa. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Org.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 249- 254.
- COLI, J. **Vissi d’arte por amor a uma profissão: um estudo de caso sobre a profissão do cantor de teatro lírico**. São Paulo: Annablume, 2006.
- COSTA, S. H. B. Trabalho Prescrito e Trabalho Real In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Org.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 467- 471.
- CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions**. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 1998.
- DEJOURS, J. C. Activisme professionnel: masochisme, compulsivité ou aliénation? **Travailler**, nº 11, p. 25-40, 2004a.
- DEJOURS, C. J. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5ª Edição Ampliada. São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.

- DEJOURS, C. Psicodinâmica do trabalho na pós-modernidade. In A. M. MENDES; S. LIMA; E. P. FACAS (Orgs.), **Diálogos em psicodinâmica do trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2007, p.13-26.
- DEJOURS, J. C. A Sublimação, entre prazer e sofrimento no trabalho. **Revista Portuguesa de Psicanálise**. Lisboa, v.33, n.2, p.9-28, 2013.
- DEJOURS, J. C. **Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. In: LANCMAN, S; SZNELWAR, L. I. (Orgs.). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- DEJOURS, J. C. Nouvelles formes de servitude et suicide. **Revue Internationale de Psychopathologie et de Psychodynamique du travail**, Paris, v.13, n 1, p. 53-73, 2005.
- DEJOURS, J. C. **O fator humano**. Rio de Janeiro: FGV, 1997.
- DEJOURS, C. Por um novo conceito de saúde. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v.14, n.54, p.7-11, abr./ jun.1986.
- DEJOURS, J. C. ABDOUCHELI, E. , JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. 1ª Edição. São Paulo: Atlas, 2014.
- DEJOURS, J. C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista de Produção**. São Paulo, Universidade de São Paulo, v.14, n.3 p. 27-34, Set/Dez. 2004b.
- DEJOURS, J. C. **Trabalho vivo: Sexualidade e trabalho** (Tomo I). Brasília: Paralelo 15, 2012a.
- DEJOURS, J. C. **Trabalho vivo: Trabalho e emancipação** (Tomo II). Brasília: Paralelo 15, 2012b.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org) **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FERREIRA, J. B. **Do poema nasce o poeta**: criação literária, trabalho e subjetivação. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011a.
- FERREIRA, J. B. **O poder Constituinte do Trabalho Vivo**: análise psicodinâmica da criação literária. 2011. 203 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações) – 2011. 203 f. Universidade de Brasília, Brasília, 2011b.
- FERREIRA, J. B. Patologias da Solidão. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Org.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 275- 279.
- FREUD, A. **O Ego e os Mecanismos de Defesa**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- HOPE, S; RICHARDS, J. Loving work: Drawing attention to pleasure and pain in the body of the cultural worker. **European Journal of Cultural Studies**, v.18, n.2, p. 117-141, Apr. 2015.
- KARTTUNEN, S. How to identify an artist? Defining the population for 'Status-of-the-Artist studies". **Poetics**, 26, 1998, p. 1-19.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, T. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. rev. atual. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 552 p.
- LIMA, V. S. **Vida de Artista**: Análise Psicodinâmica do Prazer e do enfrentamento do sofrimento em um grupo de comediantes do DF. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – 2009. 185 f. Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- LOACKER, B. Becoming ‘culturpreneur’: How the ‘neoliberal regime of truth’ affects and redefines artistic subject positions. **Culture and Organization**, Abingdon-UK, v. 19, n. 2, p. 124-145, 2013.
- MARTINS, S. R. **Perversão social e adoecimento**: uma escuta psicanalítica do sofrimento no trabalho. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – 2010. 359 f. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- MARX, K. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. São Paulo, Boitempo, 2004.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 2. ed. Lisboa: Avante, 1997.

- MARZANO, M. Travail et compulsif apagamento de la subjectivité: L'hyperactivité comme fuite. **Travailler**, Paris, v 1, n. 11, p. 7-24, 2004.
- MENDES, A. M. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In: MENDES, A. M. (org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007a. p. 29-48.
- MENDES, A. M. Novas formas de organização do trabalho, ação dos trabalhadores e patologias sociais. In: MENDES, A. M. (org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007b. p. 49-61.
- MENDES, A. M. Pesquisa em Psicodinâmica: A Clínica do Trabalho. In: MENDES, A. M. (org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007c. p. 65-87.
- MENDES, A. M.; Araújo, L. K. R. **Clínica Psicodinâmica do Trabalho: o sujeito em ação**. Curitiba: Juruá, 2012.
- MENDES, A. M.; MORRONE, C. F. Trajetória Teóricas e Pesquisas Brasileiras sobre Prazer e Sofrimento no Trabalho. In: MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C.; MORRONE, C. F.; FACAS, E. P. (Org.). **Psicodinâmica e Clínica do Trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros**. Curitiba: Juruá Editora, 2010, p. 29-52.
- MENGER, P.-M. Are there too many artists? The "excess supply" issue: a measurement puzzle, an increasingly flexibility-driven functional requirement and an unavoidable mismatch effect in creative activities. **Proceedings of the International Symposium on Culture Statistics. Montreal**, 21-23 Out, 2002.
- MENGER, P.-M. Artists as Workers: Theoretical and methodological challenges. **Poetics**, 28, 2001, p. 1-19.
- MENGER, P.-M. **Retrato do artista enquanto trabalhador: metamorfose do Capitalismo**. Lisboa: Editora Roma, 2005.
- MERLO, A. R. C.; MENDES, A. M. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. **Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho**, v.12, n.2, p.141-156, 2009.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MORAES, R. D. de. Estratégias Defensivas. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Org.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013a. p. 153 - 157.
- MORAES, R. D. de. Sofrimento Criativo e Patogênico. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Org.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013b. p. 415 - 419.
- NAZAR, T. P. **O sujeito e seu texto: psicanálise, arte e filosofia**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009.
- POLANY, Karl. **A Grande Transformação: as origens de nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- SEGNINI, M.P. **Prazer e sofrimento no trabalho artístico em dança**. 2010. 156 p. Dissertação (mestrado em Ciências da Reabilitação) Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2010.
- SENNETT, R. **O Artífice**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. (Edit.) **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: SAGE, 2000.
- TRANSFORM. **Producción cultural y prácticas instituyentes: líneas de ruptura en la crítica institucional**. Traficantes de Sueños: Madrid, 2008.
- THROSBY, D. Defining the artistic workforce: the Australian experience. **Poetics**, 28, p. 255-271, 2001.

VAILLANT, G. Adaptative Mental Mechanisms: Their Role in a Positive Psychology. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 89-98. Jan. 2000.

VAILLANT, G. E. **Ego Mechanisms of Defense**: A guide for clinicians and researchers. New York: American Psychiatric Press, 1992.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. 2.ed., São Paulo, Editora Atlas, 2006.

WATTS, M. They have tied me to a Stake: reflections on the art of case study research. **Qualitative Inquiry**, v.13, n.2, 2007.